



Para a minha Lara, com muito amor e alegria.

Obrigada, Manuela Coelho e Letícia Tavares, pela preciosa ajuda da revisão do texto.



Não há primavera sem flores

Título
Não há primavera sem flores

Texto
© Paula Oliveira

Ilustrações
© Dilson Mafra

Coordenação da Edição
Alfarroba

Revisão e Edição
Andreia Salgueiro | Alfarroba

Design e Paginação
Maria João Victorino

Impressão e Acabamento
Portugal

ISBN
978-989-9068-60-5

Depósito Legal
507 643/22

1.ª edição, dezembro 2022

uma edição da Alfarroba
© dezembro 2022, Alfarroba

telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização da editora.



— Acorda, Dá! Acorda! — gritava, impaciente, Lili, pendurada num dos despidos ramos do jacarandá do pequeno jardim da casa. Já ali estava ia para uma hora.

— Olá, Lili, já por aqui? — bocejou a árvore, acordando de um longo e descansado sono de inverno.

— Olha para o céu, vê como está azul. E o sol, não parece mesmo um olho brilhante?

— Sempre me saíste cá uma poeta! A primavera ainda está longe, dizem-me as minhas raízes. Bem podias ter-me deixado dormir mais uns dias...

— E perder assim estes lindos dias?

— Mas está frio, diria mesmo muito frio, estou todo arrepido.

— És cá um friorento. Olha para mim, vê-me encolhida?

— Não.

— Então, não está frio nenhum.

— Mas, o que me queres?

— Preciso mesmo dizer-te? Tu sabes.

— Ainda é cedo para as minhas folhas aparecerem. Não vêes que ainda estou a hibernar?

— Então «desiberna»! Já chega! Tens de aproveitar a vida. Afinal, ela é tão curta.

— Tão curta? Eu não acho nada disso. Acho até que passa muito lentamente...

— Lembras-te do Óscar?

— O namorado?

— Esse mesmo, morreu este inverno.

— Que pena! Gostava mesmo dele. Lembro-me como ele, com o seu belo canto e danças, encantava facilmente as suas parceiras. Elas ficavam todas caidinhas por ele.

— É verdade. Ele a mim nunca me conquistou. Tu sabes, eu só tenho olhos para o Joca.



— O Óscar, por causa das suas conquistas, quase não comia e o mais provável foi ter emagrecido bastante e esse foi o seu fim, não aguentou o inverno. Pobrezito!

— Olha, vou dar uma volta a ver se vejo mais alguém.

— Vai, vai e deixa-me dormir mais um pouco. Volta para meados de março. Acho que devias descansar também, não te parece?

— Não te preocupes comigo, vê lá se começas a trabalhar, estás mesmo preguiçoso este ano.

Dá não conseguiu ter mais descanso, aquela Lili tirou-lho e agora mais valia antecipar a primavera. Realmente, apesar do frio, o tempo estava bonito.

Uma semana mais tarde, meia dúzia de folhas, pequeninas e verde clarinhas despontavam nos seus frágeis ramos e a dona da casa vinha para o terraço para as espreitar.

— Lindo menino, já a trabalhar! Vamos lá a ver se me vais presentear com flores este ano.

Dá nunca tinha florido, nem sabia que o deveria fazer. Se tivesse flores, como seriam? Aí reparou nos narcisos do canteiro à sua frente, já vaidosos, com os vários tons de amarelo que exibiam, para delícia de todos.

— Narcisos, ouviram a senhora?

— Sim.

— Sabem que flor é suposto eu ter?

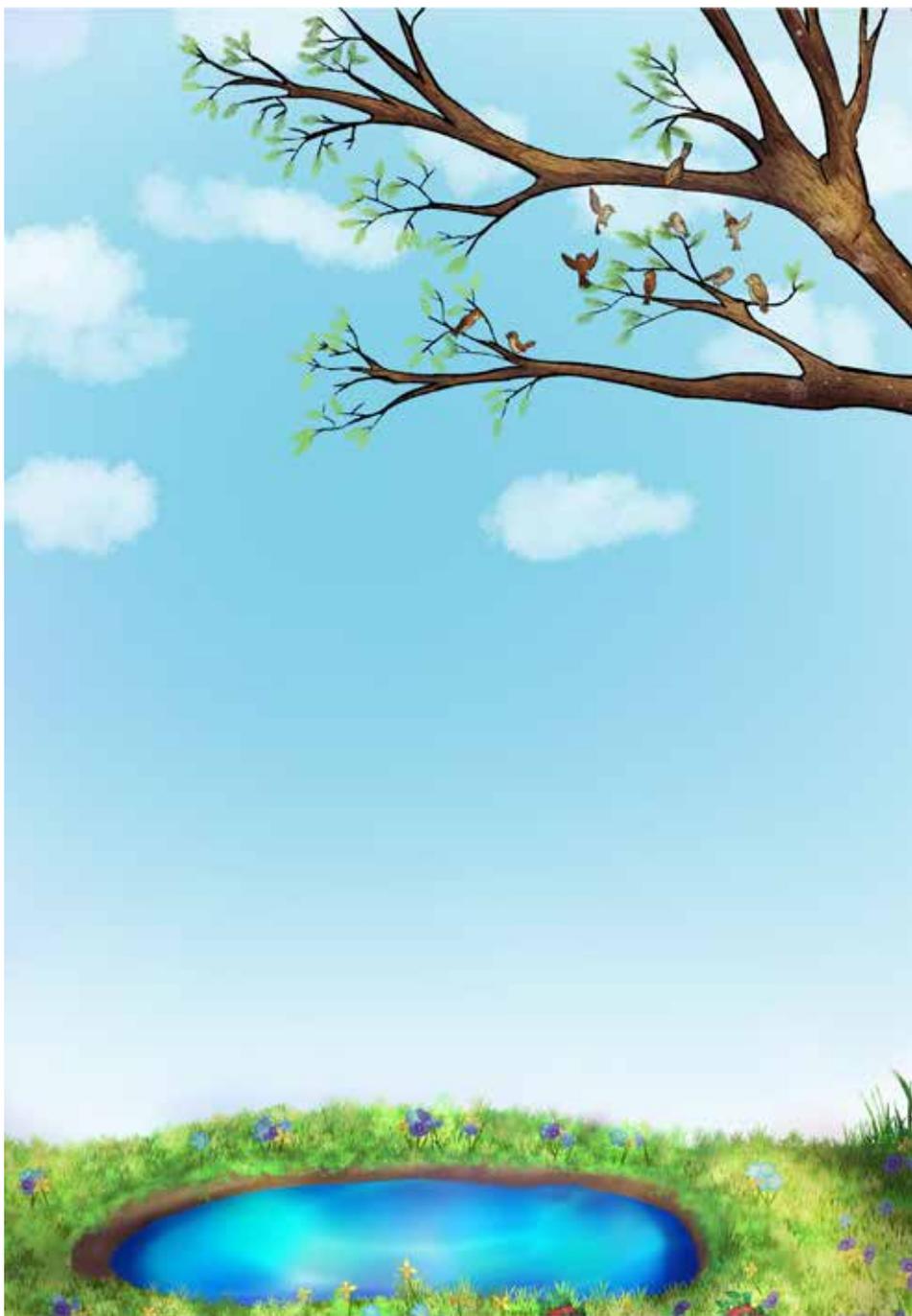
— Não, nunca deste nenhuma, como é que queres que nós saibamos?

A árvore começou a ficar linda, com pequenas folhas em todos os seus elegantes ramos, mas onde estavam as flores? Lili não demorou a aparecer.

— Que lindo estás! Diz-me, já viste o Joca? Estou cansada de o procurar e ainda não o encontrei.

— Não, Lili, ainda não o vi, mas não te preocupes, bem





vistas as coisas, ainda não é primavera e é muito cedo para vocês andarem por aí. Para dizer a verdade, ainda só te vi a ti.

— Este ano anda tudo muito preguiçoso, não achas?

— Não, tu é que andas acelerada, como sempre. Sabes, ando com uma coisa na cabeça...

— Uma? Só uma? Tu nem imaginas quantas andam na minha...

— A senhora veio ver-me e está à espera de que eu a presenteie com flores.

— E depois? Não achas isso normal?

— Não sei. Eu nunca tive flores, nem sabia que deveria ter.

— Se a senhora disse, é porque deves ter...

Nesse momento vários pássaros rumaram para a árvore, e Lili, eufórica, começou a gabar-se.

— Sabem quem iniciou a primavera este ano? Sabem, sabem?

— Tu, está bom de ver — concluiu Janota, um pardal rechonchudo.

— Como soubeste?

— Não soube, mas pela tua conversa, percebi logo. Olá, Dá, estás a ficar tão bonito...

— Obrigado, Janota, mas este ano estou preocupado.

— Mas, então porquê?

— Porquê, porquê? — meteu-se Lili na conversa. — Porque a senhora quer que ele dê flores este ano e ele não sabe como.

— Isso é verdade, Dá?

— É, e eu nem sei como deverão ser as minhas flores. Falei com os narcisos, mas eles não me puderam ajudar.

— Não fiques preocupado — animou-o Peninhas, um pardal muito ajuizado —, nós, que podemos voar, vamos



indagar outras árvores para saber que flor é suposto tu teres, não é assim, passarada?

Todos concordaram e preparavam-se para partir, quando Lili se lembrou:

— Esperem! Ninguém viu o meu amor?

— Quem? O Joca?

— Claro, quem haveria de ser?

— Eu ainda não o vi — disse Peninhas.

— Eu também não — continuou Pintas —, mas ouvi dizer que ele se mudou.

— Mudou? — questionou Lili. — Para onde?

— Bem, no fim do verão passado, parece que foi com as gaivotas para a beira-mar, foi o que me contaram.

— Ele nunca partiria sem me dizer nada — gritou furiosa Lili.

— Então, Lili, acalma-te — pediu Dá. — Vais ver que tudo isso são boatos. Provavelmente ele também anda à tua procura. Se ele vier ter comigo, eu digo-lhe para esperar por ti, que achas da ideia?

— És tão bom para mim, Dá. Diz-lhe que virei cá todas as madrugadas e ao entardecer. Ele que me espere, está bem?

— Claro.

— Se calhar, ele anda a namoriscar outras aves noutras bandas — interveio distraidamente Caudinhas, que gostava de azedar as conversas.

— Não lhe liguês, Lili, ele gosta de ti, não faria isso — amenzou a árvore a conversa.

Lili, com uma lagrimita a querer cair pelo canto do olho, partiu à procura de umas minhocas, estava com fome. Ele ia voltar, tinha a certeza. Levantou voo, mas tremia tanto que teve de aterrar de emergência na árvore que estava mais próxima, uma limpa-garrafas. Peninhas, com pena de Lili, pousou junto dela.

